

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Eduarda Neto de Barroso

O RESGATE DO SAGRADO FEMININO: FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DA WICCA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia da Graça Arribas.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **EDUARDA NETO DE BARROSO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201573073A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O RESGATE DO SAGRADO FEMININO: FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DA WICCA**, desenvolvido durante o período de agosto de 2017 a novembro de 2017 sob a orientação de Célia da Graça Arribas, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

EDUARDA NETO DE BARROSO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O RESGATE DO SAGRADO FEMININO: FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DA WICCA

Eduarda Neto de Barroso¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é construir um estudo preliminar sobre o resgate do Sagrado Feminino, suas formas de atuação e as suas possibilidades de influência nas relações de gênero e no papel da mulher na sociedade, tendo como objeto empírico de análise a Wicca, uma religião neopagã cujas origens remontam ao período Paleolítico. Questiona-se se e em que medida os movimentos feministas têm impactado na construção de novas teologias e espiritualidades contemporâneas feministas e como, por sua vez, essas espiritualidades e teologias contribuem para o desenvolvimento das teorias feministas. Para tanto, buscou-se traçar em linhas gerais a história, as crenças e as práticas fundamentais da Wicca, atentando principalmente para a força e o papel central da concepção de Sagrado Feminino, base da religião wiccana. Buscou-se também identificar as/os principais agentes, organizações e perspectivas distintas, que não raras vezes conflitam entre si, demonstrando a pluralidade de visões presente entre as/os adeptas/os da Wicca. Mas embora essa pluralidade seja uma realidade entre as/os wiccanas/nos, a concepção do Sagrado Feminino perpassa todas as correntes como um princípio fundamental dessa religião, característica que nos permite pensar sobre as possibilidades de empoderamento e de autonomia que a religião pode oferecer às mulheres através de novas formas religiosas de conceber os papéis e as relações entre os gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Sagrado Feminino; Wicca; Religião; Gênero; Deusa; Mulher; Empoderamento.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com os estudos e registros arqueológicos, as primeiras manifestações, que hoje consideramos de cunho religioso, foram feitas durante os períodos Paleolítico e Neolítico, e se caracterizou essencialmente pelo culto à mulher. Nesses registros era frequente o enaltecimento do feminino e a associação deste à natureza, pois as estatuetas descobertas que simbolizavam a mulher se encontravam centralizadas, em oposição àquelas que se referiam ao masculino; e estas, por sua vez, se localizavam em posições periféricas ou ao lado delas. A Lua e o Sol eram a personificações das divindades feminina e masculina e exerciam um papel central nesse sistema.

As práticas da Wicca remontam a esse período longínquo e se inserem na tradição religiosa neopagã. A propósito, os termos “pagão” ou “paganismo” tornaram-se, desde o século XX, amplamente utilizados como uma autodesignação por adeptos do neopaganismo. Vários estudiosos modernos têm aplicado os termos para caracterizar três grupos distintos de crenças: politeísmo histórico (como a mitologia celta e o paganismo nórdico), religiões indígenas, folclóricas e étnicas (como a religião tradicional chinesa e as religiões tradicionais africanas) e o neopaganismo (como a Wicca, o reconstrucionismo helênico e o neopaganismo germânico). A partir de estudos realizados sobre as antigas religiões, o neopaganismo busca aí a sua inspiração, com o intuito de dar continuidade a estas antigas manifestações religiosas, que ocorreram em uma época onde o respeito ao feminino e aos mistérios da procriação constituíam os grupos sociais.

Estamos falando de sociedades em que tanto os homens quanto as mulheres valorizavam e priorizavam o feminino por acreditarem, principalmente, que a mulher teria uma relação mais íntima e direta com as divindades por eles adoradas, sendo, portanto, considerada um ser abençoado, tendo em vista a sua misticidade, tão apreciada pelos fiéis.

Partindo da ideia de que o neopaganismo tenta recuperar as espiritualidades pagãs que existiam nesse período, principalmente na Europa, antes da introdução e hegemonia do cristianismo, podemos dizer que a Wicca é uma denominação moderna dada a uma religião neopagã, que tem seu surgimento na Inglaterra entre os anos de 1940 e 1950, com o seu início marcado pelas obras do escritor britânico e também antropólogo amador Gerald Gardner (1884-1964).

Assim, nas décadas de 1960 e 1970, essa religião se difundiu nas localidades anglo-saxônicas,

¹Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: eduarda.nbarroso@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof.ª Dr.ª Célia da Graça Arribas.

sobretudo na Grã Bretanha e nos Estados Unidos, chegando ao Brasil por volta de 1980, a partir do contato que os brasileiros tiveram com livros esotéricos e feiras místicas através do mercado editorial de livros. O movimento Nova Era pode ser considerado fator importante para a entrada da Wicca no Brasil, favorecendo a propagação dessa religiosidade, uma vez que se tratam de espiritualidades e práticas religiosas baseadas em novos modelos de consciência moral, psicológico e social, responsáveis por um olhar crítico em relação a ideias e religiões institucionalizadas, como o catolicismo, por exemplo.

Enaltecendo a mulher e possuindo uma perspectiva que desqualifica a disputa de gêneros, a filosofia wiccana vem sendo incorporada por parte do movimento feminista contemporâneo, sobretudo por trazer consigo a crítica à sociedade patriarcal, aos pensamentos por ela impostos e às religiões que apresentam traços do machismo e que colocam a figura da mulher em segundo plano, assumindo um papel de submissão, que prejudica diretamente a sua posição na sociedade atual.

O Sagrado Feminino, no qual os princípios wiccanos se constituem, restaura uma consciência que, apesar de antiga, muito têm a assessorar e acrescentar à sociedade contemporânea. Restabelece uma conexão forte com a Natureza e com uma sabedoria ancestral que atrai uma percepção de unidade como um todo, o que fortalece um dos objetivos desse movimento, que é o elo de irmandade entre as mulheres, a sororidade, ao reconhecer em si as outras mulheres e compreender o universo particular que existe em cada indivíduo.

2. O SAGRADO FEMININO

Para analisar a religião Wicca contemporânea e a concepção do Sagrado Feminino que a constitui, é relevante investigar, ainda que em traços gerais, como funcionava um corpo social que tinha essa questão como primordial no seu cotidiano e nas suas organizações. Além disso, observar como as sociedades se comportavam e como as crenças e práticas, desde os primeiros registros, de certa forma, guiavam a ação do indivíduo e fazem parte de sua cultura.

Esse corpo social vivia em uma época onde o sistema no qual funcionava se assemelha ao matriarcado. Sendo assim, a forma como a mulher era vista se difere bastante da atual na grande parte das sociedades, sobretudo ocidentais, uma vez que o papel de liderança e o poder eram interpretados pela e personificados na mulher. É durante esse período que se data o início das crenças e subsequentemente das divindades femininas.

A Grande Deusa Mãe era a divindade que reconheciam como a criadora de tudo e de todos, considerada a Senhora do Destino, a qual obtinha todo o poder, e que ainda criou seu próprio complemento, o Deus Cornífero. Levando em consideração o contexto no qual os indivíduos se encontravam, a força e adoração ao Sagrado Feminino se destacavam. A figura feminina era entendida como virtuosa devido aos mistérios que existiam para eles sobre questões do corpo feminino, como a menstruação e a gravidez. Desse modo, mesmo com a existência de um deus masculino, a divindade feminina era tida como principal, possuindo o papel preponderante nos mitos, práticas e crenças.

Em se tratando de uma época bastante arcaica, é preciso levar em consideração o conhecimento limitado que nós temos hoje dessas práticas e crenças, mas que, embora limitados, conseguem apontar para como homens e mulheres orientavam suas práticas sociais de acordo com sua religiosidade, seus pensamentos e seus costumes. O ato sexual, por exemplo, não tinha para eles e elas ligação com a concepção, e assim, viam a gravidez e o nascimento como um ritual sagrado, que era recebido diretamente dos deuses. Acreditava-se que as mulheres engravidavam deitadas ao luar da Grande Deusa, que era personificada na própria Lua. O Deus Cornífero, por sua vez, é o deus da fertilidade e sua personificação é representada pelo Sol.

De acordo com as crenças pagãs primitivas, os elementos da natureza são sacros, representando diferentes deuses, e assim a visão politeísta é admitida. Dessa forma, o paralelo e a semelhança entre a lua e a mulher são essenciais para se compreender a visão do Sagrado Feminino. As fases da lua, a título de exemplo, são relacionadas com a mulher e seus diferentes ciclos atingidos ao longo da vida. Assim, um dos símbolos que é incorporado na Wicca atualmente é a Triluna (Figura 1)², que marca a triplicidade da Deusa.

Esse símbolo consiste na lua crescente, lua cheia e lua minguante, respectivamente lado a lado, que se referem a três estados distintos da divindade, com cada fase da lua possuindo suas características particulares e distintas umas das outras. Suas fases, na ordem mencionada, representam: a Virgem, que corresponde aos

² Imagem extraída em: <<http://www.awicca.com.br/2014/04/a-triluna.html>>

impulsos, ao começo; a Mãe, que é a doadora da vida, considerada a Grande Nutridora; e a Anciã, que é a detentora da sabedoria, chamada de a Grande Conhecedora e transformadora. Atualmente, este símbolo é usado pela nova onda Wicca e por correntes neopagãs com a finalidade de representar a força feminina, simbolizada pela deusa, além de invocador das bênçãos da mesma (Prieto, 2001).

A triplicidade é marcante nesta crença, pois além da Triluna existe também a Mãe Tríplice, outro símbolo utilizado pela Wicca (Figura 2)³. É uma variedade da Deusa, que é a deusa mãe dos celtas, e uma das deusas que a Wicca crê tradicionalmente. Essa deusa caracteriza uma religião matriarcal e representa três mulheres nas quais cada uma delas possui um objeto diferente, sendo eles: um cão, um peixe e um cesto, o que faz alusão às três luas mencionadas anteriormente e seus simbolismos. Assim, ao observar as religiões dos celtas é possível dizer que o número três é considerado um número sagrado para eles, além da recorrência de associações com o Sagrado Feminino.

Outro simbolismo importante, descoberto no sítio arqueológico do paleolítico, na Áustria, é a estatueta denominada atualmente de Vênus de Willendorf (Figura 3)⁴, que representa o corpo de uma mulher, como uma idealização da figura feminina. Ao examiná-la é possível constatar que possui características de obesidade, além da vulva, barriga e seios ser imensamente volumosos, pois são partes que estão fortemente ligadas ao conceito de fertilidade. Por outro lado, os braços são finos e quase imperceptíveis, em total contraste com as demais partes do corpo, se curvando sobre as mamas. Acredita-se que seu couro cabeludo esteja revestido por um penteado que se assemelha a tranças, ou então que esteja preenchido por diversos olhos. Seus pés possuem formato irregular e não sustentam a estatueta em pé. Desse modo, especula-se que ela tenha sido planejada para ser transportada por alguém, ao invés de ser apenas observada. Há ainda os que creem na hipótese de que ela poderia ser inserida na vagina durante rituais de fertilidade. Muitos se referem a ela como uma tradução da Deusa, entretanto há alguns pesquisadores que negam a identificação da estatueta com a deusa Grande Mãe, pois acreditam que ela possa simplesmente representar segurança, sucesso e bem-estar; mas até esses, compreendem a referência à fertilidade que se faz.

Assim como a Vênus de Willendorf, diversas outras estatuetas representando a mulher e o feminino são oriundas do período Paleolítico, como a Vênus de Laussel (Figura 4)⁵ e a Vênus de Berekhat Ram (Figura 5)⁶. Receberam o primeiro nome “Vênus” todas as estatuetas do período Paleolítico Superior que retratam a mulher, porém não se sabe ao certo a finalidade desses artefatos ou ainda o seu significado cultural original, mas há especulações de que possam ser vistos como figuras religiosas, artefatos de rituais, arte erótica ou até mesmo autorretratos das mulheres da época.

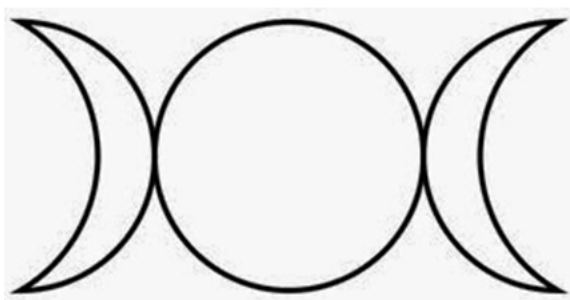


Figura 1



Figura 2

³ Imagem extraída em: < <http://juadelino.blogspot.com.br/2013/06/24-de-maio-dia-da-deusa-triplice-celta.html> >

⁴ Imagem extraída em: < <https://hav120151.wordpress.com/2015/04/06/o-abstracionismo-das-venus/> >

⁵ Imagem extraída em: < <https://hav120151.wordpress.com/2015/04/08/venus-cornucopia-de-laussel-uma-abstracao/> >

⁶ Imagem extraída em: < <http://www.amusingplanet.com/2016/10/venus-of-berekhat-ram-worlds-oldest.html> >



(Figura 3)



(Figura 4)



(Figura 5)

Com isso, é possível dizer que o Sagrado Feminino, que constituía as crenças e as culturas ancestrais, enalteciam a força e o poder femininos em suas representações. Para os pagãos, tanto os do Paleolítico quanto os da Wicca, não somente a mulher e o feminino são sagrados, mas também a vida cíclica da natureza, além de se basearem em ritos de fertilidade que são destinados a celebrar a morte e a ressurreição de seus deuses. Os elementos da natureza como a água, a terra, as plantas e as pedras equivalem às suas divindades, e justamente por isso estar em harmonia com a natureza era essencial, além do respeito ao próximo e o sentimento de pertencimento à Terra, essa unidade que engloba a todos os seres e forças da natureza.

Como as principais fontes de subsistência eram a coleta e a caça, os deuses detinham o comando da natureza e era preciso que fossem reverenciados e respeitados a fim de garantir o sustento, sempre de acordo com a vontade dos deuses. Surgiu-se então a ideia do deus oposto à Grande Mãe, que era o Deus Cornífero, conhecido também como o Deus dos Chifres. Esse seu segundo nome faz referência aos principais animais que eram considerados os mais valiosos, os animais de chifres, pois além da carne, outras partes de seu corpo também eram aproveitadas, como os ossos e os chifres, para a construção de instrumentos de caça e de culto.

O Deus Cornífero é o Senhor da Natureza, o complemento da Deusa, criado por ela mesma, e sendo ao mesmo tempo seu filho e cônjuge, é também nomeado de Consorte da Deusa, e personificado através do Sol, uma vez que Sol e Lua se completam. Tem uma força dominante assim como a Deusa, no sentido de dar um equilíbrio maior ao balancear as forças femininas com as forças masculinas. Através desse deus, as estações do ano eram explicadas, assim como a fertilidade das plantas na terra, uma vez que acreditavam que a Deusa era a terra e o Deus era a semente fertilizada, o Sol fertilizador. Através deles os seres eram nutridos, por isso os rituais mágicos a fim de atrair a benevolência dos deuses e serem abençoados com a natureza fértil. A reverência e a invocação do Deus Cornudo, outro nome dado a esse deus masculino, era feita antes da plantação das sementes e posteriormente depois de terem feito a colheita.

Tais concepções serviram de inspiração para a criação das bases sobre as quais a religião Wicca se fundamenta. A partir de práticas religiosas que se referem a um período bastante longínquo, o Sagrado Feminino tem a oportunidade de ressurgir e auxiliar a mulher nas questões de empoderamento e autoafirmação.

3. A RENOVAÇÃO DO SAGRADO FEMININO A PARTIR DO MOVIMENTO DA WICCA

Os princípios da Wicca se estabeleceram, na Europa e nos Estados Unidos, a partir das publicações das obras de Gerald Gardner, como “*The Meaning of Witchcraft*” e “*High Magic’s Aid*”, dando impulso para esse movimento religioso (Prieto, 2001). A palavra “*wicca*” vem do inglês e significa “girar”, e deriva do saxão “*witch*”, de onde se originou a palavra “*witchcraft*”, sendo “*craft*” traduzido como “arte”. Assim *witchcraft* ou bruxaria é também interpretada como a prática de arte. Acredita-se que Gardner tenha tido inspirações em outros autores para escrever tais obras, mas foi ele que marcou definitivamente o surgimento das práticas wicannas, tendo em vista a sua forte contribuição para a legitimação da mesma, no início de 1950, resgatando a Antiga Religião e fazendo certamente algumas alterações para a melhor adaptação ao mundo moderno.

A Wicca contemporânea valoriza a natureza, busca a complementaridade e o equilíbrio entre a mulher e o homem, além de recuperar o Sagrado Feminino. Tem como propósitos mostrar ao ser humano a necessidade de reconexão com a natureza, de harmonia com os ritmos e ciclos naturais, tentando atingir um novo equilíbrio com o seu meio. As/os bruxas/os, como comumente ficaram conhecidas/os as/os seguidoras/es da Wicca, fazem uso da magia para colocar o indivíduo em contato direto com os deuses da natureza, e creem que isso os permite atingir o autoconhecimento, juntamente com a compreensão dos poderes psíquicos inerentes aos indivíduos. Baseando-se sempre no equilíbrio da polaridade energética, a Wicca possui alguns conceitos básicos, apesar de não se fundamentar em uma teologia unitária e muito menos possuir mestres ou gurus que ditam as ideias da religião com “verdades” incontestáveis. Além disso, também não possui um único livro sagrado no qual os seus seguidores possam recorrer para encontrar regras e definições da religião, embora a obra de Gardner chamada “*Book of Shadows*” desempenhe um papel importante ao tornar-se um dos textos de referência que orienta as/os wiccanas/os.

Dentre os seus conceitos básicos está a Deusa ocupando o papel preponderante nas práticas e nos mitos, além do culto ao Deus Cornífero e aos antigos deuses da natureza; há também a crença na reencarnação como forma de evolução e como o desejo de retornar no mesmo tempo e espaço de pessoas amadas. A utilização da magia para wiccanas e wiccanos tem como objetivo atingir o equilíbrio com a natureza, mas nunca o de fazer o mal. Sua diretriz básica é “viva e deixe viver” e sua orientação suprema: “Faça o que quiser, desde que não prejudique a nada nem a ninguém” (Prieto, 2001).

A Wicca apoia-se na sensibilidade de cada indivíduo que está disposto a aprender com os Antigos Deuses e seguir suas ideias, buscando harmonia com a vida; acredita que todas as pessoas nascem com poderes mágicos. Entretanto, devido à forma como vive cada um, esses poderes podem se atrofiar e, a partir disso, a bruxaria ajudaria a desenvolvê-los e ampliá-los em cada indivíduo, além de tentar auxiliar e ensinar a promover um ambiente propício para que essas forças possam se manifestar, fundamentando-se na alegria e na satisfação de viver, incentivando o amor e o respeito por todos os seres vivos na mesma proporção.

Uma de suas crenças mais característica é “A Roda do Ano”, que é a forma como veem e dividem o ano no calendário. Para as/os bruxas/os, o ano é uma grande roda sem começo nem fim, e assim existem oito datas pré-determinadas durante o seu decorrer, que são chamadas de Sabbats, que celebram os ciclos da natureza, uma vez que a consideram como a própria manifestação da Deusa e acham digno de se festejar as mudanças que ocorrem nela. Há também o que é conhecido como Esbats, que são cerimônias realizadas na primeira noite de lua cheia de cada mês, também para homenagear a Deusa, que acontece treze vezes ao ano, seguindo o antigo calendário lunar das culturas matriarcais, no qual possuía treze meses com vinte e oito dias cada um.

Os Sabbats são solares, e assim, são celebrados quando ocorre a mudança das estações do ano e variam de hemisfério, visto que as estações ocorrem em datas diferentes para cada um. Os oito Sabbats existentes são conhecidos como: Samhain, Yule, Imbolc, Ostara, Beltane, Litha, Lammas e Mabon. O ano wiccano começa e termina em Samhain, que acontece em primeiro de maio no hemisfério Sul e trinta e um de outubro no hemisfério Norte, marcando o Ano Novo dos Bruxos. Essa data, que ficou mais conhecida e comemorada com maior intensidade no hemisfério Norte como Halloween, tem para os seguidores da Wicca um significado importante, pois é a data para honrar seus ancestrais e também um tempo de reflexão do ano que passou e para se estabelecer metas para o ano que se segue. Já os Esbats são lunares e buscam conexão com a Deusa através dos rituais dedicados a ela.

A Wicca é caracterizada ainda por ser uma religião iniciática e deve ser praticada em *covens*, que são pequenos grupos constituídos de no máximo treze pessoas, que são unidas por princípios doutrinários e uma ritualística em comum, que é chamada de tradição. Atualmente existem diversas tradições no meio wiccano, como, por exemplo, os que seguem a ritualística e os pensamentos do fundador Gerald Gardner, seguem uma

Tradição Gardneriana; há também a Tradição Diânica Nemorenis, Tradição Caminhos das Sombras, Tradição de Lilith e Tradição Diânica do Brasil, dentre as mais conhecidas⁷. Entretanto, mesmo com a ênfase dada nos grupos de práticas da Wicca, a prática solitária da mesma também é muito comum e acredita-se ser responsável pela maior parte das/os adeptas/os, que realizam os rituais de forma autônoma, se fundamentando em conhecimentos obtidos através de livros ou via internet, visto que o culto aos deuses pode ser feito à própria maneira de cada pessoa, não existindo leis pré-determinadas, e assim se autodenominam wiccanas/os (Cordovil, 2017).

As/os wiccanas/os realizam seus rituais em um Círculo Mágico, um espaço sagrado que é por eles traçado afim de serem realizadas adorações dentro dele. Durante os rituais, fazem uso de instrumentos mágicos. Os mais usados são o athame (espécie de punhal), um bastão, um cálice, um caldeirão, uma vassoura e um pentáculo. Cada instrumento possui seu simbolismo, sua utilidade e a posição na qual deva se situar, que variam de acordo com as tradições, mas em todas elas é evidente que alguns instrumentos, como o cálice, representam a força feminina, e outros, como o bastão, a força masculina; e assim são posicionados em oposição para representar o equilíbrio. Em grande parte das tradições wiccanas, acredita-se que do lado direito concentra-se as energias masculinas, do lado esquerdo as energias femininas e ao centro se localiza a concentração de todas as energias.

Os instrumentos são utilizados não só para os rituais de magia como também na composição do altar, que é a representação física e espiritual da Deusa, onde devem estar representados os quatro elementos da natureza, sendo um lugar sagrado no qual os rituais devem sempre ser feitos próximos a ele, e recomenda-se que cada bruxa/o possua o seu particular. Considerando a diversidade das manifestações e práticas, alguns neopagãos trabalham com rituais mais elaborados, ao mesmo tempo em que outros apenas meditam e fazem as invocações dos deuses junto à luz da lua, como era feito os rituais nos tempos primórdios, sempre em contato com a natureza. Entretanto, essa questão foi adaptada para os dias atuais, e muitos rituais acontecem dentro de um ambiente fechado, visto que consideram todo lugar sagrado e, assim, todo ambiente pode ser considerado um templo, se ali estiverem reunidos com o divino (Prieto, 2001).

A Wicca rejeita o proselitismo e não coloca como obrigação de seu seguidor tentar converter o maior número de pessoas possível para ela, apreciando a liberdade religiosa. Prega a igualdade entre mulheres e homens, uma vez que são complementares, propaga a importância dos “três R’s”, que são: reduzir, reutilizar e reciclar, em conjunto com o sentido de servidão à Terra; repudia qualquer forma de preconceito e enfatiza a importância da consciência de cidadania e a imanência existente na interligação e na conexão entre todas as coisas, uma consciência de que cada um dos indivíduos é sagrado e é a manifestação da Deusa, sendo ela todas as coisas que existem, estando dentro e fora de cada um.

Assim, as/os bruxas/os procuram viver a espiritualidade de forma equilibrada, uma vez que tudo está conectado, caracterizando-se pelo seu caráter libertário, mas que encoraja a responsabilidade ambiental, social e espiritual que todo ser humano possui, crendo que, através da imanência, o que afeta um indivíduo em particular também afeta todos os outros seres, fundamentando-se na Lei Triplíce, a qual afirma que tudo aquilo que é feito, seja para o bem ou para o mal, retorna triplicado para a vida do ser na mesma encarnação.

Com o surgimento da Wicca, a importância do Sagrado Feminino foi disseminada com maior força entre as/os suas/seus seguidoras/es, simpatizantes e curiosas/os, que se interessam por conhecer os princípios wiccanos, ao redor do mundo, com o Brasil se destacando nessa questão, uma vez que se evidencia um crescente movimento de práticas wiccanas se estabelecendo no país. Suas/seus seguidoras/es, em sua maioria jovens adultas/os, aprendem a apreciar a sacralidade das energias femininas, conseqüentemente valorizando a mulher, e compreendem a relevância e a dimensão da sua influência na sociedade, desconstruindo a visão do feminino como um gênero inferior ao masculino, e contribuindo para o renascimento de um conceito essencial como o Sagrado Feminino, propício para a luta contra as opressões da mulher.

4.0 MOVIMENTO NOVA ERA E A WICCA NO BRASIL

A Wicca, conhecida também como “a religião do amor e do prazer”, emigrou da Inglaterra para outras regiões da Europa e do mundo e, por volta da década de 1980, chegou ao Brasil, onde o movimento wiccano se encontra em vias de consolidação, mesmo que não muito conhecido e estudado. De fato, há uma lacuna na

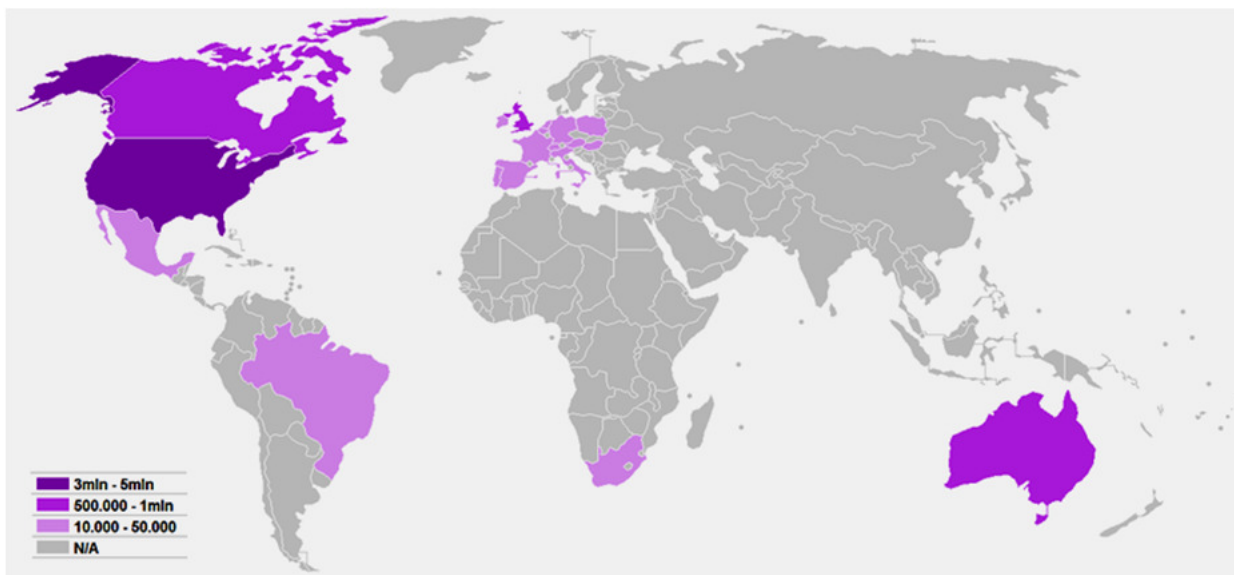
⁷O nome “Dianica” se deve ao culto primeiramente a Deusa, considerando os aspectos masculinos da divindade a ela derivados (Cordovil, 2015).

literatura brasileira no que diz respeito às obras relacionadas à Wicca, visto que esse assunto ainda não se encontra intensamente popularizado e não é o objeto de pesquisa de muitos/as estudiosos/as brasileiros/as. Não obstante, o mercado editorial de livros esotéricos e as feiras místicas que ocorriam na época trouxeram essa religiosidade, chegando juntamente com o movimento da Nova Era.

Influenciando altamente a Wicca, a filosofia de vida Nova Era, que é entendida como um conjunto de práticas e espiritualidades que tentam alcançar elevação espiritual e independência de sistemas e grupos religiosos por meio, principalmente, do sincretismo, considera que o mundo atualmente está passando por uma nova era, conhecida como a “Era de Aquário”, que foi antecedida por uma era cristã chamada de “Era de Peixes”. Traz consigo práticas espirituais provenientes do oriente e de culturas antigas, com diversas especificidades como a prática da yoga, leitura de mapa astral, o uso de cristais, a numerologia, o esoterismo, a gnose e a magia.

Assim, os livros sobre bruxaria foram incorporados e utilizados principalmente pelos adeptos da Nova Era no Brasil, contribuindo para a sua disseminação. Porém, as influências foram tão fortes que tal movimento não só ajudou na divulgação da Wicca como também contribuiu para que diversas crenças wiccanas fossem modificadas e adaptadas à conjuntura atual, como afirmou Grimassi: “a Nova Era de fato desviou o foco das antigas tradições wiccanas em favor de sistemas modernos ecléticos” (Grimassi, 2002, p. 34, apud Bezerra, 2002). Ademais, houve também a influência da individualidade que contribuiu para o crescimento do número de adeptos da Wicca, considerando a possibilidade das práticas solitárias e de auto-iniciação.

Não é sabido, oficialmente, o número total de wiccanas/osna atualidade, visto que a religião Wicca entra na categoria de “outras religiões”, ao menos no Brasil, e também é dificilmente distinguida das demais religiões neopagãs, como o neodruidismo e o politeísmo celta. Sendo assim, os registros que se tem são apenas estimativas. O site independente *adherents.com*, que se propõe a informar demografias religiosas pelo mundo, fazendo o uso de diversas fontes, estimou a média de 800.000 adeptos da Wicca pelo mundo na década de 1990, mas acredita-se que atualmente este número seja maior. No Brasil, até o ano de 2000, havia entre 10.000 e 50.000 wiccanos (Figura 6)⁸, e desde a década de 1990, cidades como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo têm assistido ao aumentado significativo do número de bruxas/os existentes.



(Figura 6)

A tradição de Gardner poucas vezes associou a Wicca com a palavra *religião*, pois foi mais conhecida como a *arte*, sendo a prática da bruxaria vista muito mais como um conhecimento esotérico do que uma prática

⁸ Imagem extraída em: < <http://somosfilhosdovento.blogspot.com.br/2011/04/teologia-crencasdemografia-wicca.html> >

religiosa. Mas apesar disso, no Brasil, a denominação *religião* tem sido mais comum e vem se relacionando com a ânsia da luta contra o preconceito, almejando a liberdade religiosa (Cordovil, 2017).

Diversos personagens, encontros e organizações buscam a sua legitimidade no Brasil, e as/os wiccanas/os e simpatizantes desse movimento têm contribuído nesse sentido. Dentre elas/eles, podemos destacar a atuação da fundadora da loja esotérica *Alemdalenda*, Heloisa Galves, artista plástica e ilustradora, bruxa e sacerdotisa, que ajudou a divulgar assuntos esotéricos, as filosofias da Wicca e a espiritualidade feminina, e foi quem escreveu o prefácio do livro “Wicca, a Religião da Deusa”, de Claudiney Prieto, obra responsável pela grande visibilidade e crescimento da Wicca em nosso país. Sem dúvida, Prieto é outra personalidade importante da Wicca brasileira e tem contribuído enormemente para a sua disseminação, pois, além de várias obras já publicadas sobre essa prática, é também fundador da Tradição Diânica Nemorensis e idealizador da ABRAWICCA, “Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca”, a primeira associação civil pagã brasileira e sem fins lucrativos; coordena ainda a organização da “Conferência Anual de Wicca e Espiritualidade da Deusa no Brasil”, o maior evento neopagão da América Latina que promove a Wicca através de discussões, debates e teses em relação a questões como o Sagrado Feminino.

Em 2014, Claudiney Prieto criou o “*World Goddess Day Project*”, que é um projeto do Dia Mundial da Deusa, que objetiva reunir várias pessoas pelo mundo para conceder à deusa da Wicca um dia de visibilidade. Além disso, foi também quem idealizou e coordenou a Universidade Livre de Estudos Pagãos (UNILEP), a primeira escola on-line brasileira que, através do sistema de educação à distância (EAD), se dedica exclusivamente ao estudo do paganismo e da Wicca. Há ainda em São Paulo a “Universidade Livre Holística, Casa de Bruxa” (UNICB), criada por Tânia Gori, teóloga pela faculdade de Teologia e Apologética Cristã, que tem como objetivo transmitir conhecimentos de bruxaria e paganismo através de profissionais qualificados, fazendo o uso de processos terapêuticos e educativos. E na mesma cidade, no ano de 2001, foi criado o Encontro Anual de Bruxos (EAB), com um recorde de público no dia da estreia, contando com mais de quinhentas pessoas.

Com o auxílio da internet, a proliferação de conteúdo neopagão tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas, contribuindo também para o crescimento de adeptas/os wiccanas/os. De acordo com a doutoranda e mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Karina Bezerra, a disseminação da Wicca se deve também a outro fator: o modismo⁹. No início da década de 2000, a popularização da bruxaria consequente, principalmente, de publicações e traduções de livros e revistas sobre o assunto, além do lançamento de filmes de bruxos que ficaram muito famosos, como é o caso da saga de livros e filmes “*Harry Potter*”, marcou-se um modismo que se refere à Wicca. Assim, muitas pessoas inseridas nesse universo da bruxaria estão apenas participando do que está em voga na sociedade, e muitas delas se consideram bruxas apesar de não necessariamente conhecerem os conceitos e princípios da religião Wicca, ou ao menos a filosofia que traz o neopaganismo.

As/os wiccanas/os mais antigas/os e tradicionais criticaram bastante os sincretismos e direcionamentos que essa prática religiosa se caracterizou nos tempos atuais, e chamaram as pessoas que seguem essa linha de pensamento de “*Pink Wicca*”. Apontam que houve uma inversão de valores e crenças da Wicca tradicional, correndo o risco da perda total de sua essência primária, e argumentam que essas pessoas carecem de materiais de qualidade e de grupos formados por pessoas com um maior conhecimento do movimento para mostrarem o melhor caminho. Com essa maior troca de informações, que se deve à globalização, e as divergências de opiniões encontradas, criou-se uma divisão internacional, devido ao crescimento do paganismo em diversos países. Inicialmente, quando foi criada, ainda em 1971 na Inglaterra, por Bruxos Gardnerianos, recebia o nome de *Pagan Federation* (PF), porém, mais tarde, com toda a disseminação internacional, evoluiu para “*Federação Pagã Internacional*”, e é a maior e mais abrangente organização internacional de pagãos.

Apesar do modismo, as/os wiccanas/os brasileiras/os vem tentando legitimar e tornar a Wicca uma religião oficial no país, tendo em vista a deturpação das informações propagadas em relação a ela e ao paganismo. Em 2004, no Rio de Janeiro, foi idealizada a União Wicca do Brasil (UWB), uma organização que não possui fins lucrativos e que é formada por sacerdotisas e sacerdotes brasileiros que seguem diferentes tradições wiccanas. Entretanto, em meio a todo esse processo de construção e legitimação, alguns/mas wiccanos/as acusam amadores e mesmo outras/os wiccanas/os de banalizarem a Wicca, e não concordam com a institucionalização da mesma, acreditando que esteja ocorrendo proselitismo da parte deles, problemática essa pela qual a UWB foi acusada, tornando-se evidente a divergência de pensamentos em meio às/aos wiccanas/os

⁹ Informação retirada de <<http://www.cliografia.com/author/karinao/>>. Acessado em 20/11/2017.

tanto em âmbito nacional, quanto internacional.

Tendo em vista a amplitude que tem alcançado a religião Wicca, considerando-a em âmbito nacional e internacional, e os efeitos que tem causado na sociedade, principalmente entre as mulheres, se torna válido analisar a importância que a renovação do Sagrado Feminino, trazido especialmente pela Wicca, tem influenciado o feminismo na atualidade e inspirado as mulheres que tomam consciência da conjuntura opressiva na qual se encontram.

5. O SAGRADO FEMININO E O FEMINISMO NA ATUALIDADE

Considerando toda a propagação que vem ocorrendo com as questões do neopaganismo e da Wicca, observa-se também uma renovação do Sagrado Feminino. Esse resgate que tem sido feito pode ser lido como uma contribuição dos movimentos feministas, agindo, principalmente, por meio de discussões relacionadas ao papel da mulher, seja na esfera do trabalho como também nas esferas social e religiosa, desenvolvendo teorias feministas que tomam novas e grandes expressões.

Na conjuntura atual, o gênero feminino sofre uma grande depreciação que afeta fortemente as mulheres. Partindo desse pressuposto, para analisar os impactos do feminismo nas questões religiosas é preciso passar pela referência do que acontece na teologia cristã e na teologia não-cristã, como a Wicca. Assim, as análises feministas da religião se iniciam a partir da crítica que é feita internamente nela, uma vez que o feminismo, enquanto movimento social, incentiva práticas de resistência (Rosado, 2001).

As religiões cristãs, ou aquelas que cultuam um deus masculino, são as que mais se destacam e influenciam a sociedade, considerando, principalmente, o mundo ocidental. Com isso, com a chegada da Wicca, questões como o Sagrado Feminino entraram em voga e chamaram a atenção de diversas pessoas, entre elas mulheres, que estavam acostumadas a lidar com um deus que, em muitas religiões, coloca-a em segundo plano, como o segundo sexo. Esses indivíduos se encontram em contato agora com uma religião que glorifica o feminino e crê em uma deusa que pode ser encontrada dentro de cada um.

Os símbolos religiosos e os rituais wiccanos assumem grande importância na vida das/os seguidoras/es dessa prática religiosa, assim como é importante considerar os efeitos que um deus masculino gera nas mulheres. As religiões que são centradas em uma divindade masculina criam estados que mantêm as mulheres dependentes, seja psicologicamente ou socialmente, dos homens e das autoridades masculinas. Como salienta a autora norte-americana Carol Christ (1979), uma vez que um deus masculino, como o do cristianismo, por exemplo, esta “regrando” as pessoas, é subentendido que a sociedade seja dominada por figuras também masculinas. Seguindo essa linha de pensamento, o que ocorre muitas vezes é que apenas os homens são considerados portadores do sagrado, protagonistas de crenças e ritos pelos quais novas relações e a própria sociedade são criadas.

De fato, até os que se dizem não possuir nenhuma religião e os que não acreditam em nenhuma divindade, não participando de qualquer estrutura institucional de religiões do patriarcado, não se encontram livres das influências dos simbolismos. É relevante ainda ressaltar as maneiras pelas quais atividades simbólicas como crenças, ritos e discursos religiosos parecem escapar à diferenciação sexual, mas são, na verdade, moldadas por ela, uma vez que há a compreensão tradicional da biologia feminina que coloca as mulheres em certo modelo no qual a maternidade, por exemplo, se torna um destino incontestável.

Há aqui uma relação de homogeneidade das mulheres à religião, que é advinda de uma suposta “natureza feminina”. As religiões do patriarcado, em sua maioria, consideram que a feminilidade se caracteriza na vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica, enquanto a masculinidade é marcada pela iniciativa, pela força, pela participação na esfera pública e pela liberdade do “espírito aventureiro”.

Conhecer uma religião que desconstrói visões do machismo e dá apoio ao gênero feminino, exaltando a mulher e a natureza de seu corpo, tomando por natural e magnífico questões como os ciclos menstruais, que tenta vencer os tabus do sangue menstrual que por diferentes contextos culturais é visto com horror, levanta pensamentos feministas e faz a mulher se questionar sobre suas condições atuais e o meio opressor no qual está inserida. Desse modo, nota-se que os movimentos feministas e a religião Wicca, com interesses em comum, se ligam e auxiliam no resgate e na exaltação do Sagrado Feminino.

É observado que as religiões estão, efetivamente, entre os campos que sofreram com maior intensidade os impactos do feminismo, tendo em vista as mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres e a influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso, a Teologia Feminista (Rosado, 2001). É preciso ter conhecimento de que realmente representações religiosas, crenças e práticas, vista pela perspectiva

das relações sociais entre os sexos, contribuem vigorosamente para a reprodução da desigualdade de gênero. Dessa forma, tornou-se um dos objetivos do feminismo mostrar como as relações de gênero encontram-se afetadas e, muitas vezes, conformadas em relação às religiões, considerando a sua realidade social e histórica.

A intensidade na qual a mulher participa nas religiões, ou então, a falta de participação da mesma, é dada através da disponibilidade que há ou não nos espaços sociais, que possibilitem tratar de assuntos nos quais ela possa se identificar. Isso acontece nas práticas religiosas wiccanas, onde, com a presença de uma divindade feminina em exaltação, a mulher encontra representatividade e aceitação, além da autonomia ser bastante presente, como a participação de Círculos de Mulheres.

Os Círculos de Mulheres são uma prática típica das tradições da Wicca que reúnem mulheres a fim de resgatar os valores femininos, como a sororidade, o cuidado e a solidariedade entre os seres. São feitos trabalhos manuais e o culto à Deusa, acessando-a através de simbolismos como o que traz o sangue menstrual; acreditam que por meio dos sinais do corpo feminino pode-se haver uma conexão com a Deusa, envolvendo-se, assim, de um conteúdo esotérico (Cordovil, 2015).

As mulheres que participam desses círculos baseiam-se na Tradição Diânica, porém não se limitam somente a ela, e permitem a construção de uma identidade feminina na modernidade. Inspiradas na Deusa e nas suas fases, que são os estados que a lua passa, usam-na de metáfora do ser feminino, que é fragmentado pela modernidade, e procura se refazer. Assim, no final de cada círculo, elas se veem transformadas e empoderadas, tendo tido um encontro com elas mesmas, promovendo um universo feminino no qual se realiza uma inversão de valores patriarcais encontrados nas sociedades e na maioria das religiões ocidentais. Como afirmou Daniela Cordovil, antropóloga pela Universidade de Brasília, que fez uma pesquisa como observadora participante do Círculo de Mulheres Ísis-Afrodite em Belém, Pará:

“As práticas do Círculo de Mulheres situam-se na liminaridade entre esse saber-fazer cotidiano, espontâneo e inconsciente de si mesmo, que busca resgatar-se através do feminino simbolizado no cuidado e nos trabalhos manuais, e o saber-fazer reflexivo e intelectualizado que as próprias mulheres do círculo produzem sobre suas práticas, nas narrativas que compartilham umas com as outras” (Cordovil, 2015, p. 10).

Portanto, visto a proximidade que as mulheres encontram nas práticas wiccanas com a religiosidade e a tradução de seu gênero, as contribuições dos movimentos feministas são vigorosamente importantes de se considerar, tanto mais em se tratando de sociedades em que as mulheres se encontram em relação de desigualdade perante os homens, onde o homem tenta definir a mulher relativamente a ele, e não ela em si própria como um ser autônomo (Beauvoir, 2016). Estar alerta sobre as formas de opressão e buscar, a partir daí, meios de se libertar dessa situação são significativamente poderoso, sobretudo com o crescimento dos movimentos feministas e a propagação do Sagrado Feminino, que abrem caminhos para novas relações entre os gêneros, objetivando uma maior igualdade entre os sexos.

6. CONCLUSÃO

As religiões são representações culturais e são determinadas por aquelas/es que as elaboram e propagam, impondo, justificando e legitimando formas de ser, de estar e de agir no mundo. Além disso, as religiões também sustentam instituições sociais que, historicamente, vêm definindo relações e representações de gênero, quase sempre em prejuízo das mulheres. Na maior parte das religiões conhecidas, a construção do divino está conectada com a produção de ideologias que desvalorizam tudo o que não é masculino, figurando como elemento constitutivo das relações de gênero, sobretudo das de ordem patriarcal, legitimadoras da opressão feminina. De fato, as instituições religiosas, principalmente monoteístas, são quase sempre androcêntricas, hierárquicas e excludentes no tocante às mulheres.

Entretanto, ao fazermos um contraponto a essa situação, há evidências de que atividades de cunho religioso podem abrir importantes espaços de ação e de sociabilidade para as mulheres, criando condições para o seu empoderamento. Este é o caso, por exemplo, dos clubes das mães, espaços promovidos pela Igreja Católica, nos anos 1960 e 1970, que promoviam campanhas de mulheres contra o custo de vida e pela criação de creches (Rosado-Nunes, 1992). Os *taleem*, grupos de estudo do Corão para mulheres muçumanas, em Bangladesh, também contribuiu para elevar a autoestima numa cultura em que as mulheres são tradicionalmente desvalorizadas (Huq e Khondaker, 2011). E não podemos nos esquecer das religiões de matriz africana presentes no Brasil como espaços de exercício do poder feminino (Birman, 1991) e dos novos espaços

conquistados pelas mulheres como pastoras das religiões evangélicas (Bandini, 2009).E, claro, a Wicca e todo o movimento de resgate do Sagrado Feminino, como se buscou tratar neste artigo. Por certo, poderíamos citar outros exemplos que sugerem essa relação entre gênero, empoderamento e religião, mas é importante destacar aqui que o impacto do feminismo nas diferentes religiões nos ajuda a entender que a crítica feminista produziu efeitos contraditórios: “do abandono de qualquer fé religiosa pelas mulheres à criação de espaços feministas de espiritualidade de vários tipos, expressando uma enorme criatividade e efervescência” (Rosado-Nunes, 2001, p. 79).

Em determinados contextos, portanto, as forças de cunho religioso podem operar de forma contraditória: umas propiciando a mobilização e o empoderamento de mulheres, outras atuando como forças conservadoras. No presente artigo foi importante interrogar em que circunstâncias a Wicca têm operado como força para o empoderamento de mulheres na perspectiva do resgate do Sagrado Feminino.

Apesar da existência bastante tímida de trabalhos acadêmicos sobre a Wicca, foi possível, com o auxílio de obras wiccanas, traçar em linhas gerais o percurso histórico dessa religiosidade, enfatizando o seu ressurgimento na modernidade, sobretudo a partir da década de 1950, suas várias vertentes, simbolismos, ritos e crenças, e os países que abrigam atualmente seus/suas adeptos/as.

Dentre as principais preocupações da abordagem feita aqui está o questionamento das possíveis mudanças favoráveis que possam ocorrer com o gênero feminino na atual conjuntura, seja no âmbito da sociedade ou da religião. A criação de espaços religiosos alternativos, como é o caso dos Círculos de Mulheres, aponta para o surgimento de novas formas de relação com o sagrado, que colocam a mulher de forma mais igualitária e menos opressiva. Sem dúvida, as contribuições dos movimentos feministas, que vem tendo desdobramentos positivos em várias esferas da vida social no sentido de questionar as relações desiguais entre gêneros, também contribuíram para o fortalecimento de novas espiritualidades e teologias feministas na esfera propriamente religiosa. Os estudos sobre gênero e religião têm mostrado as religiões como espaços complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias, as religiões, como a Wicca, podem funcionar como forças mobilizadoras, levando as mulheres a resistir ao seu poder disciplinador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDINI, Claudirene. **Religiões e relações de gênero. Um olhar sobre as transformações de identidade e práticas sociais de líderes femininas pentecostais.** Revista Brasileira de História das Religiões, ANPUH, ano II, n. 5, 2009.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEZERRA, Karina Oliveira. **Wicca no Brasil: adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife.** Recife: Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, 2012.
- BIRMAN, Patrícia. **Relações de gênero, possessão e sexualidade.** Physis. Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.1/2, 1991.
- CORDOVIL, Daniela. **Sexualidade, Espiritualidade e Conjugalidade na Wicca Brasileira.** Religião e Sociedade, vol.37, p.85-103. ISSN 0100-8587, 2017.
- _____. **O Poder Feminino nas Práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”.** Rev. Estud. Fem., vol.23, p.431-449. ISSN 0104-026X, 2015.
- CHRIST, Carol P. **Why women need the goddess: Phenomenological, psychological, and political reflections.** In: C. P. Christ and J. Plaskow (eds.). *Womanspirit rising: A feminist reader in religion.* New York: Harper Collins Publishers, 1979.
- HUQ, Samia e KHONDAKER, Sahida Islam. **Religion and Muslim women: trajectories of empowerment.** Bangladesh: BRAC Development Institut, BRAUC University, 2011.
- PRIETO, Claudiney. **Wicca, a religião da Deusa.** 2 ed. São Paulo: Gaia Alemdalenda, 2001.
- ROSADO-NUNES, Maria José. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões.** Pagu, n.16, p. 79-96, 2001.
- _____. **De mulheres e de deuses.** Estudos Feministas, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, 1992.
- ROSADO-NUNES, Maria José (org.). **Gênero, Feminismo e religião. Sobre um campo em constituição.** Rio de Janeiro: Garamond, 2015.